

NORA ROBERTS

ONDE CAEM OS ANJOS





*Para a mãe*





# SINAIS

*Estar em todo o lado é não estar em lado nenhum.*

— SÉNECA



## 1.

Reece Gilmore passou a fumar por entre as ruelas estreitas de Angel's Fist num *Chevy Cavalier* em sobreaquecimento. Tinha no bolso duzentos e quarenta e três dólares e mais uns trocos, o que podia ser suficiente para tratar do *Chevy*, alimentá-lo e alimentar-se. Se tivesse sorte e o carro não estivesse seriamente doente, sobraria dinheiro para um quarto onde passar a noite.

Depois, mesmo pelos cálculos mais optimistas, estaria falida.

Assumi que as plumas de vapor que saíam do seu capô eram um sinal para parar de viajar por algum tempo e arranjar um emprego.

Sem preocupações, sem problemas, disse a si mesma. A pequena cidade do Wyoming aglomerada em torno das frias águas azuis de um lago era um sítio tão bom como qualquer outro. Talvez até melhor. Tinha a abertura de que ela precisava — todo aquele céu onde os picos molhados de neve dos Tetons se erguiam como deuses sóbrios e algo distantes.

Ela viera a vaguear na sua direcção, atravessando durante

horas uma fotografia de Ansel Adams, com os seus picos e planícies. Não fazia a mínima ideia de onde iria parar, quando saíra nesse dia antes da madrugada, mas passara Cody, atravessara rapidamente Dubois e, embora tivesse ponderado a hipótese de se desviar para Jackson, mergulhara antes para sul.

Por isso, alguma coisa devia ter estado a puxá-la para aquele local.

Durante os últimos oito meses, ela desenvolvera uma forte crença em seguir sinais e impulsos. Curvas Perigosas, Piso Escorregadio. Era simpático que alguém se desse ao esforço e perdesse tempo a assinalar esse tipo de avisos. Outros sinais podiam ser uma peculiar inclinação da luz do sol a apontar para uma estrada secundária, ou um cata-vento a indicar o sul.

Se ela gostasse do aspecto da luz ou do cata-vento, segui-lo-ia até descobrir o que lhe parecia o local certo no momento certo. Podia instalar-se durante umas semanas ou, como fizera no Dakota do Norte, alguns meses. Arranjava um trabalho qualquer, percorria a região, depois partia quando aqueles sinais, aqueles impulsos, apontavam numa nova direcção.

Havia uma espécie de liberdade no sistema que desenvolvera, e muitas vezes — cada vez mais vezes — sentia diminuir o constante zumbido de ansiedade ao fundo da sua mente. Aqueles meses em que vivera consigo mesma, e essencialmente por si mesma, tinham tido mais sucesso em acalmá-la do que um ano inteiro de terapia.

Para ser justa, ela admitia que a terapia lhe conferira a base com que enfrentar cada dia. Cada noite. E todas as horas pelo meio.

E ali estava um novo começo, outro quadro em branco nos dedos cerrados de Angel's Fist.

No mínimo, tiraria uns dias para apreciar o lago, as montanhas, e para arranjar dinheiro suficiente para voltar novamente para a estrada. Um lugar como aquele — o poste de sinalização dizia que a população ascendia a 623 — provavelmente vivia do turismo, explorando a paisagem e a proximidade do parque nacional.

Devia haver pelo menos um hotel, provavelmente um ou dois *B and Bs*<sup>1</sup>, talvez um rancho de turismo a uns quilómetros. Podia ser divertido trabalhar num rancho de turismo. Todos esses locais precisavam sempre de pessoas para transportar coisas, ou limpar, especialmente agora que o degelo de Primavera amortecia o mais agreste do Inverno.

Mas, uma vez que o seu carro estava a lançar sinais de fumo cada vez mais densos e desesperados, a sua maior prioridade era arranjar um mecânico.

Percorreu lentamente a estrada que debruava o contorno do longo e vasto lago. Remendos de neve criavam baços charcos brancos na sombra. As árvores tinham ainda o seu castanho invernal, mas havia alguns barcos na água. Ela viu dois homens de corta-ventos e barretes numa canoa branca, a remar directamente para o reflexo das montanhas.

Do outro lado do lago ficava o que ela decidiu ser a zona comercial. Loja de recordações, uma pequena galeria. Banco, posto dos correios, notou. O gabinete do xerife.

Desviou-se do lago para levar o carro em sofrimento para o que lhe pareceu ser o grande armazém de uma loja. Dois homens com camisas de flanela estavam sentados na frente, em cadeiras que lhes davam uma boa visão do lago.

Cumprimentaram-na com um aceno de cabeça quando

---

<sup>1</sup>De *Bed and Breakfast*: Estabelecimento, tradicionalmente — mas não exclusivamente — em casas privadas, que oferece alojamento e pequeno-almoço. (N. da T.)



ela desligou o motor e saiu, depois o da direita levou a mão à aba do seu boné azul que exibia o nome da loja: Mac — Armazém e Merceria.

— Parece que está aí com uns problemas, menina.

— Pois é. Conhece alguém que me possa dar uma ajuda com isto?

Ele pousou as mãos nas coxas e ergueu-se da cadeira. Era corpulento, rosado de rosto, com rugas que irradiavam desde os amigáveis olhos castanhos. Quando falou, a sua voz era arrastada e cantante.

— Porque é que não abre o capô, que eu dou uma vista de olhos?

— Agradeço muito. — Quando ela soltou o fecho, o homem levantou o capô e deu um passo atrás para evitar as nuvens de fumo. Por razões que não saberia nomear, as nuvens e o barulho causaram a Reece mais embaraço do que ansiedade. — Dei por isso a uns vinte quilómetros, acho eu. Não estava a prestar muita atenção. Fiquei distraída com a paisagem.

— É fácil de acontecer. Vai para o parque?

— Ia. Mais ou menos. — Não era certo, nunca era certo, pensou ela. Tentava concentrar-se no momento em detrimento do antes e do depois. — Acho que o carro tem outras ideias.

O companheiro aproximou-se também e ambos os homens olharam para debaixo do capô como Reece sabia que os homens costumavam olhar. Com olhos sóbrios e caretas entendidas. Ela olhou também, embora aceitasse que estava a ser um verdadeiro cliché. A mulher para quem o que jazia por baixo do tejadilho do carro era tão estrangeiro como o solo de Plutão.

— Arranjou aqui uma fissura no tubo do radiador — disse ele. — Vai ter de o substituir.

Não parecia assim tão mau, demasiado mau. Nem demasiado caro.

— Há algum sítio na cidade onde o possa arranjar?

— Na garagem do Lynt arranjam-lhe isso. Quer que lhe telefone?

— Salvava-me a vida. — Ela ofereceu-lhe um sorriso e a mão, um gesto que se lhe tornara mais fácil com os estranhos. — O meu nome é Reece, Reece Gilmore.

— Mac Drubber. Este aqui é Carl Sampson.

— Vem do leste, não? — perguntou Carl. Parecia ter mais de cinquenta anos, mas estava em muito boa forma e devia ter algum antigo sangue índio misturado.

— Sim. Bem do leste. Da área de Boston. Muito obrigada pela ajuda.

— É só uma chamada — disse Mac. — Pode entrar e abrigar-se do vento, se quiser, ou ir dar uma volta por aí. O Lynt ainda pode demorar um bocadinho a chegar.

— Não me importo nada de dar uma volta, se não se importar. Talvez me pudesse indicar um bom sítio onde ficar na cidade. Nada de luxuoso.

— Há o Lakeview Hotel, um pouco mais à frente. O Teton House, do outro lado do rio é um bocadinho mais acolhedor. É mais um *B & B*. Também há umas cabanas à volta do lago e outras fora da cidade que alugam à semana ou ao mês.

Ela nunca pensava em termos de mês. Um dia era já desafio suficiente. E «mais acolhedor» soava demasiado íntimo.

— Talvez eu vá dar uma vista de olhos ao hotel.

— Ainda é longe. Posso dar-lhe uma boleia.

— Vim a conduzir todo o dia. Faz-me bem esticar as pernas. Mas obrigada na mesma, senhor Drubber.

— Tudo bem. — O homem deixou-se ficar mais um

momento enquanto ela se afastava pelo passeio de madeira.  
— Coisinha bonita — comentou.

— Não tem carnes. — Carl abanou a cabeça. — As mulheres de hoje em dia passam fome para perder todas as curvas.

Ela não tinha passado fome para as perder, e estava, de facto, a fazer um esforço deliberado para recuperar o peso que perdera nos últimos dois anos. O seu corpo, outrora com a boa forma de uma frequentadora de *health-club*, passara a descarnado e era agora aquilo que ela via como desajeitado. Demasiados ângulos e pontos, demasiados ossos. Sempre que se despia, o seu corpo era como o de uma estranha.

Não teria concordado com o «coisinha bonita» de Mac. Não nessa altura. Em tempos pensara em si dessa maneira, como uma mulher bonita — elegante, sensual quando o queria ser. Mas o seu rosto parecia agora muito duro, com as maçãs do rosto demasiado salientes, as faces demasiado cavadas. As noites agitadas eram cada vez menos frequentes, mas, quando chegavam, deixavam os seus olhos escuros pesadamente ensombrados e lançavam uma palidez, pastosa e cinzenta, sobre a sua pele.

Ela queria reconhecer-se novamente.

Deixou-se ficar a deambular um pouco, os seus *Keds* usados quase silenciosos no passeio. Aprendera a não ter pressa — ensinara-se a não forçar, não correr, mas a absorver as coisas à medida que elas chegavam. E a abraçar, de uma forma muito real, cada momento.

A brisa fresca soprava-lhe o rosto, penetrava-lhe o longo cabelo castanho que prendera atrás num rabo-de-cavalo. Gostou do toque dessa brisa, gostou do seu cheiro, limpo e fresco, e da luz dura que se derramava sobre os Tetons e fais-cava sobre a água.

Viu algumas das cabanas de que Mac falara por entre os troncos nus dos salgueiros e choupos. Agachavam-se atrás das árvores, todas feitas de tronco e vidro, com grandes alpendres — e, assumiu ela, fabulosas vistas.

Devia ser bom sentar-se num daqueles alpendres e estudar o lago ou as montanhas, observar o que quer que fosse visitar os baixios onde tábuas-largas se erguiam, imponentes, do lodaçal. Ter todo aquele espaço à sua volta. E o silêncio.

Um dia, talvez. Mas não nesse dia.

Viu pés de narcisos numa metade de barril de uísque ao lado da entrada de um restaurante. Podiam ter tremido um pouco com a brisa gelada, mas fizeram-na pensar em Primavera. Tudo era novo na Primavera. Talvez nessa Primavera também ela se fizesse de novo.

Parou para admirar os tenros rebentos. Era reconfortante ver a forma como a Primavera abria caminho por entre o longo Inverno. Em breve, ver-se-iam outros sinais. O seu guia alardeava quilómetros de flores silvestres em planícies de salva, e mais ainda ao longo dos lagos e lagoas.

Ela estava pronta para a floração, pensou Reece. Pronta para desabrochar.

Depois ergueu os olhos para a larga montra do restaurante. Mais um *snack-bar* do que um restaurante, corrigiu. Serviço ao balcão, mesas para duas e quatro pessoas, reservados, tudo nuns tons desvanecidos de vermelho e branco. Tartes e bolos nos mostradores e a cozinha aberta ao balcão. Um par de empregadas afadigava-se de um lado para o outro com tabuleiros e cafeteiras.

Hora do almoço, percebeu. Esquecera-se do almoço. Assim que desse uma vista de olhos ao hotel, ela ia...

Depois viu-o na montra. O letreiro escrito à mão.

PRECISA-SE DE COZINHEIRO  
INFORME-SE NO INTERIOR

Sinais, pensou novamente, embora tivesse recuado um passo sem se aperceber. Ficou no lugar onde estava, fazendo um estudo cuidadoso do ambiente pelo lado de fora do vidro. Cozinha aberta, lembrou a si mesma, essa era a chave. Comida de *snack-bar*, isso ela fazia de olhos fechados. Ou tinha feito, noutros tempos.

Talvez estivesse na altura de descobrir, na altura de dar mais um passo em frente. Se não conseguisse lidar com isso, perceberia logo, e não ficaria muito pior do que já estava naquele momento.

O hotel provavelmente também precisaria de pessoas, em antecipação da época de Verão. Ou talvez o senhor Drubber precisasse de mais pessoal no seu escritório.

Mas o letreiro estava mesmo ali, e o seu carro escolhera aquela cidade, e os seus passos tinham-na levado àquele ponto, onde os rebentos de narcisos tinham irrompido por entre a lama para os primeiros sopros hesitantes de Primavera.

Voltou para a porta, respirou profundamente, depois abriu-a.

Cebolas fritas, carne grelhada — pareceu-lhe caça — café forte, uma *jukebox* a debitar *country* e o zumbido das conversações às mesas.

Tijoleira vermelha limpa, notou ela, balcão branco impecável. As poucas mesas vazias estavam postas para o almoço. Havia fotografias nas paredes — pareciam-lhe boas. Imagens do lago a preto e branco, da água clara, das montanhas em todas as estações.

Ela estava ainda a tentar orientar-se, a ganhar coragem, quando uma das empregadas passou por ela.

— ‘Tarde. Se quer almoçar, pode escolher mesa ou balcão.  
— Na verdade, eu queria falar com o gerente. Ou proprietário. Eeh, é sobre o anúncio na janela. A posição de cozinheiro.

A empregada deteve-se, ainda a equilibrar um tabuleiro numa mão.

— É cozinheira?

Houvera um tempo em que Reece teria fungado, com um ar bem-humorado mas com indisfarçável desdém, ao ouvir esse termo.

— Sim.

— Isso vem mesmo a calhar, porque a Joanie despediu um há uns dias. — A empregada fechou a mão livre e levou o polegar aos lábios mimando o gesto de beber.

— Ah.

— Deu-lhe o lugar em Fevereiro quando ele apareceu na cidade à procura de trabalho. Disse que tinha encontrado Jesus e que estava a espalhar a sua palavra pela terra.

Inclinou a cabeça e a anca e lançou a Reece um luminoso sorriso com o seu rosto bonito.

— Ele pregava a Palavra, pode crer, como um discípulo metido na droga, até uma pessoa ter vontade de lhe enfiar um trapo na boca. Depois acho que encontrou a garrafa e calou-se de vez. Muito bem. Porque é que não se senta ali ao balcão? Eu vou ver se a Joanie consegue sair da cozinha um minuto. Quer um café?

— Chá, se não se importa.

— É para já.

Não tenho de aceitar o lugar, lembrou Reece a si mesma enquanto se sentava num banco de cromado e couro e secava as mãos húmidas nas calças de ganga. Mesmo que lho oferecessem, ela não precisava de o aceitar. Podia deixar-se

ficar com as limpezas nos quartos do hotel, ou continuar em frente e encontrar aquele rancho de turismo.

A *jukebox* mudou de música e Shania Twain anunciou alegremente que se sentia como uma mulher.

A empregada dirigiu-se ao grelhador e tocou no ombro de uma mulher baixa e atarracada, depois inclinou-se para ela. Passado um momento, a mulher lançou um olhar por cima do ombro, viu Reece, depois acenou. A empregada regressou ao balcão com uma chávena de água quente e um saquinho de chá da *Lipton* no pires.

— A Joanie vem já. Quer pedir almoço? O prato do dia hoje é rolo de carne. É acompanhado com puré de batata, feijão verde e um biscoito.

— Não, obrigada, não, fico bem com o chá. — Nunca teria conseguido engolir a comida, com os nervos que lhe agitavam o estômago. O pânico queria instalar-se, aquele asfixiante peso húmido no seu peito.

Devia era ir-se embora, pensou Reece. Sair imediatamente e regressar para o seu carro. Arranjar aquele tubo e partir. Que se lixassem os sinais.

Joanie tinha um tufo de cabelo louro no alto da cabeça, avental branco de talhante salpicado de nódoas de gordura atado em volta da cintura e ténis *Converse* nos pés. Saiu da cozinha a limpar as mãos a um pano de louça.

E mediu Reece com uns olhos de aço que eram mais cinzentos do que azuis.

— Sabe cozinhar? — Uma rouquidão de fumador tornava a pergunta brusca estranhamente sensual.

— Sim.

— Profissionalmente, ou só para pôr alguma coisa na boca?

— Era o que eu fazia em Boston... profissionalmente.

— Combatendo o nervosismo, Reece rasgou o invólucro do saquinho de chá.

Joanie tinha uma boca macia, quase com uma curva de Cupido, em contraste com aqueles olhos duros. E uma cicatriz antiga, quase desvanecida, percorria-lhe a linha do maxilar desde a orelha esquerda quase até ao queixo.

— Boston. — Com um movimento ausente, Joanie enfiou o pano da louça no cinto do seu avental. — Vem de longe.

— Sim.

— Eu não sei se quero uma cozinheira da costa leste que não consegue manter a boca fechada durante cinco minutos.

A boca de Reece abriu-se de surpresa, depois fechou-se novamente com a mais ténue curva de um sorriso.

— Eu sou uma tagarela terrível, quando estou nervosa.

— O que é que anda a fazer por aqui?

— A viajar. O meu carro avariou. Preciso de um emprego.

— Tem referências?

O coração de Reece apertou-se, um punho suado de dor silenciosa.

— Posso arranjar.

Joanie fungou, trocista, e olhou de sobrolho franzido para a cozinha.

— Vá para dentro, ponha um avental. O próximo pedido é um prego, bem passado, pão de cebola, cebolas fritas e cogumelos, batatas fritas e salada de couve e cenoura. Se o Dick não cair morto depois de comer a sua comida, provavelmente fica com o lugar.

— Muito bem. — Reece saltou do banco e, mantendo a respiração lenta e regular, dirigiu-se para a porta basculante na outra ponta do balcão.

Ela não reparou, ao contrário de Joanie, que tinha rasgado o invólucro do saquinho do chá em pedacinhos minúsculos.



Era uma cozinha simples, decidiu, e suficientemente eficiente. Grelhador grande, fogão, frigorífico e congelador profissionais. Contentores, lavatórios, mesas de trabalho, fritadeira dupla, sistema de supressão de calor. Enquanto atava um avental, Joanie apresentou-lhe os ingredientes de que ela ia precisar.

— Obrigada. — Reece lavou as mãos, depois começou a trabalhar.

Não penses, disse a si mesma. Deixa que as coisas saiam por si. Pôs o bife a grelhar enquanto cortava cebolas e cogumelos. Deitou as batatas pré-cortadas na fritadeira, marcou o tempo.

As suas mãos não tremeram e, embora sentisse um aperto no peito, não se permitiu lançar nenhum olhar sobre o ombro para verificar que não tinha aparecido uma parede por trás para a encerrar.

Começou a prestar atenção à música: da *jukebox*, do grelhador, da fritadeira.

Joanie tirou o pedido seguinte do prego e plantou-o na mesa.

— Tigela de sopa de três feijões. É aquela panela ali. Serve com bolachas salgadas.

Reece limitou-se a fazer um sinal com a cabeça, deitou os cogumelos e as cebolas no grelhador, depois preparou o segundo pedido enquanto eles fritavam.

— Pedido! — anunciou Joanie, e apresentou outro papel. — Reuben, *club sandwich*, duas saladas.

Reece foi passando de pedido para pedido e deixou simplesmente que as coisas acontecessem. A atmosfera, os pedidos, podiam ser diferentes, mas o ritmo era o mesmo. Sempre a trabalhar, sempre em movimento.

Empratou o primeiro pedido, voltou-se para o entregar a Joanie e deixá-la inspeccionar o seu trabalho.

— Ponha no balcão — foi a resposta. — Comece o próximo pedido. Se não chamarmos o médico nos próximos trinta minutos, está contratada. Falamos de dinheiro e dos horários mais tarde.

— Eu preciso de...

— Trate do próximo pedido — terminou Joanie. — Eu vou fumar um cigarro.

Ela trabalhou durante mais noventa minutos antes de o movimento acalmar o suficiente para Reece se afastar do fogão e engolir uma garrafa de água. Quando se voltou, Joanie estava sentada ao balcão, a beber café.

— Ninguém morreu — disse ela.

— Ufa. Isto é sempre assim tão cheio?

— Almoço de sábado. Safamo-nos bem. Recebe oito dólares por hora, para começar. Se ainda estiver viva daqui a duas semanas, juntamos mais um dólar por hora. Somos nós as duas e um empregado em *part-time* no grelhador, sete dias por semana. Tem dois dias de folga por semana. Eu faço o calendário com uma semana de antecedência. Abrimos às seis e meia, o que significa que o primeiro turno começa aqui às seis. Pode ficar do pequeno-almoço até qualquer hora do dia, com o almoço das onze ao fecho, jantar das cinco às dez. Se quer fazer quarenta horas por semana, posso dar-lhas. Não pago horas extraordinárias. Se ficar presa na cozinha e fizer mais, descontamos nas horas da semana seguinte. Algum problema com isso?

— Não.

— Bebe no trabalho, é despedida na hora.

— Compreendido.

— Tem todo o café, água ou chá que quiser. Se quer refrigerantes, paga. Com a comida é a mesma coisa. Por aqui, não há almoços grátis. Não que tenha o ar de quem se vai

pôr a enfardar quando eu virar as costas. É magra como um palito.

— Acho que sim.

— O cozinheiro do último turno limpa o grelhador, o forno, e faz o fecho.

— Não posso fazer isso — interrompeu Reece. — Não lhe posso fazer o fecho. Posso abrir, posso trabalhar qualquer turno que queira. Posso fazer dois turnos de seguida, se quiser, meio turno. Posso trabalhar mais, se precisar que fique mais de quarenta horas. Mas não posso fazer o fecho. Desculpe.

Joanie ergueu as sobrancelhas, bebeu o resto do seu café.

— Medo do escuro, menina?

— Tenho, sim. Se fazer o fecho faz parte do perfil requerido, eu vou ter de procurar outro emprego.

— Arranjamos maneira de resolver isso. Temos uns papéis para preencher para o governo, mas isso pode esperar. O seu carro está arranjado e à sua espera no Mac. — Joanie sorriu. — As notícias andam depressa, e eu tenho o ouvido colado ao chão. Se precisa de lugar onde ficar, há um quarto por cima do restaurante que lhe posso alugar. Não é grande coisa, mas tem uma boa vista e é limpo.

— Obrigada, mas acho que por agora vou experimentar o hotel. Vamos experimentar umas duas semanas assim, para ver como as coisas correm.

— Tem comichão nos pés.

— Comichão em qualquer lado.

— Como queira. — Encolhendo os ombros, Joanie levantou-se, dirigiu-se à porta basculante com a chávena de café na mão. — Vá lá buscar o seu carro e instalar-se. Volte às quatro.

Um pouco aturdida, Reece saiu para a rua. Estivera de novo numa cozinha, e correra tudo bem. Portara-se bem.

Agora que o fizera, sentia-se com a cabeça a andar à roda, mas era normal, não era? Uma reacção normal, depois de tropeçar num emprego, sem mais nem menos, para fazer o que ela fora treinada para fazer. Para fazer o que não conseguira fazer durante quase dois anos.

Voltou lentamente para o seu carro, procurando adaptar-se a tudo aquilo.

Quando entrou no armazém, Mac estava a fechar uma venda no pequeno balcão em frente à porta. O estabelecimento era o que ela esperara: um pouco de tudo — refrigeradores para produtos agrícolas e carne, prateleiras de têxteis para a casa, uma secção de ferragens, artigos de casa, equipamento de pesca, munições.

Precisa de um litro de leite e de uma caixa de balas? Está no lugar certo.

Quando Mac terminou a transacção, ela aproximou-se do balcão.

— O seu carro já anda — disse-lhe Mac.

— Já ouvi dizer, e obrigada. Como é que pago?

— O Lynt deixou-lhe aqui a conta. Pode passar pela garagem, se vai pagar a crédito. Se paga com dinheiro, pode deixá-lo aqui. Eu vou estar com ele mais logo.

— Pode ser com dinheiro. — Ela pegou na conta, notou com alívio que era menos do que previra. Ouviu alguém tagarelar ao fundo da loja e o *bip* de outra caixa registadora. — Arranjei um emprego.

Ele inclinou a cabeça enquanto ela puxava da carteira.

— A sério? Foi rápido.

— No restaurante. Nem sei como se chama aquilo — percebeu ela.

— Chama-se Angel Food. O pessoal daqui chama-lhe só Joanie's.

— Então é o Joanie's. Espero que apareça um dia destes. Sou boa cozinheira.

— Aposto que sim. Aqui tem o seu troco.

— Obrigada. Obrigada por tudo. Acho que vou arranjar um quarto e depois volto para o trabalho.

— Se ainda vai ver no hotel, diga à Brenda na recepção que quer a tarifa mensal. Diga-lhe que está a trabalhar no Joanie's.

— Eu digo-lhe. — Ela queria pôr um anúncio no jornal local. — Obrigada, senhor Drubber.

O hotel era composto por cinco andares de estuque amarelo-pálido que prometiam uma bela vista do lago. Abrigava uma diminuta loja de conveniência, um minúsculo quiosque que vendia café e queques e uma íntima sala de jantar formal.

Foi informada de que havia disponível ligação à Internet de alta velocidade por uma pequena tarifa diária, serviço de quartos das sete da manhã às onze da noite e uma lavandaria *self-service* na cave.

Reece negociou uma tarifa semanal para um quarto individual — uma semana era tempo suficiente — no terceiro andar. Qualquer coisa abaixo do terceiro era demasiado acessível para a sua paz de espírito; qualquer coisa acima do terceiro fazia-a sentir-se encurralada.

Com a carteira agora efectivamente vazia, ela carregou a sua mochila e o portátil pelos três lanços de escadas acima, em vez de usar o elevador.

A vista estava à altura do que lhe fora cobrado e ela abriu logo as janelas e ficou simplesmente a olhar o brilho da água, o deslizar dos barcos, a altura das montanhas que envolviam aquela pequena porção do vale.

Aquela era a sua casa, nesse dia. Teria de descobrir se

seria a sua casa no dia seguinte. Voltando-se para o quarto, notou a porta que dava para o quarto vizinho. Verificou as fechaduras, depois empurrou, puxou, arrastou a única cómoda para a frente dela.

Assim estava melhor.

Não iria desfazer as malas, não propriamente, mas tiraria as coisas essenciais. A vela de viagem, alguns artigos de higiene, o carregador do telemóvel. Uma vez que a casa de banho era pouco maior do que o roupeiro, ela deixou a porta aberta enquanto tomava um duche rápido. Enquanto a água corria, foi fazendo em voz alta a tabuada, para se manter calma. Vestiu roupas lavadas, movendo-se rapidamente.

Um novo emprego, lembrou-se ela, e deu-se ao tempo e ao trabalho de secar o cabelo e de aplicar um pouco de maquilhagem. Não estaria tão pálida, nesse dia, nem com tantas olheiras.

Depois de verificar as horas, ela ligou o seu portátil, abriu o diário e escreveu uma rápida entrada.

*Angel's Fist, Wyoming*

*15 de Abril*

*Hoje cozinhei. Arranjei um emprego como cozinheira num restaurante nesta bonita cidade no vale, com o seu grande lago azul. Estou a abrir champanhe na minha mente, e há serpentinhas e balões.*

*Sinto-me como se tivesse trepado uma montanha, como se tivesse escalado os duros picos que coroam este lugar. Ainda não cheguei ao cume; estou ainda numa saliência. Mas é robusta, e larga, e consigo descansar um pouco antes de recommençar de novo a subir.*

*Trabalho para uma mulher chamada Joanie. É baixa, forte e estranhamente bonita. É uma mulher dura, também, e isso*

*é bom. Não quero ser mimada. Acho que morreria de asfixia, dessa maneira, ficaria sem ar, tal como me sinto quando acordo de um dos meus sonhos. Aqui consigo respirar, e posso ficar por aqui até chegar a hora de seguir em frente.*

*Restam-me menos de dez dólares, mas de quem é a culpa? Não faz mal, tenho quarto para uma semana com vista para o lago e os Tetons, um emprego e um novo tubo de radiador.*

*Esqueci-me do almoço, e isso é um passo atrás. Mas também não faz mal. Estava demasiado ocupada a cozinhar para me lembrar de comer, e depois hei-de compensar.*

*É um bom dia, este quinze de Abril. Vou trabalhar.*

Fechou o portátil, depois enfiou o telemóvel, as chaves, a carta de condução e três dólares no bolso. Agarrando no casaco, dirigiu-se para a porta.

Antes de a abrir, Reece espreitou pelo óculo da porta, observando o corredor vazio. Verificou as fechaduras duas vezes, amaldiçoou-se a si mesma e verificou uma terceira vez antes de voltar ao seu equipamento para rasgar um pedaço de fita-cola do rolo. Colou-o por cima da porta, bem abaixo do nível dos olhos, antes de se dirigir para a porta das escadas.

Desceu a correr, contando enquanto avançava. Após um rápido debate, deixou o carro estacionado onde estava. Se fosse a pé, pouparia gasolina, embora depois já tivesse anoi-tecido quando acabasse o turno.

Um par de quarteirões, era tudo. Ainda assim, apalpou o porta-chaves e o botão de pânico que lá tinha.

Talvez devesse voltar para trás e ir buscar o carro, só por precaução. Estúpida, disse a si mesma. Estava quase a chegar. Pensa no agora, não em mais tarde. Quando os nervos começaram a borbulhar, ela imaginou-se junto ao grelhador.

Uma bela e forte luz de cozinha, música na *jukebox*, vozes das mesas. Sons, cheiros, movimentos familiares.

Talvez a palma da sua mão estivesse pegajosa quando ela a levou à porta da Joanie, mas abriu-a na mesma. E entrou.

A mesma empregada com que conversara durante o turno do almoço viu-a e agitou os dedos num gesto de vem-cá. Reece parou junto ao reservado onde a mulher estava a encher os frascos de condimentos.

— A Joanie está no armazém. Ela disse que eu devia orientar-te rapidamente quando chegasses. Temos um momento morto, depois os primeiros pássaros vão começar a chegar. O meu nome é Linda-gail.

— Reece.

— Primeiro aviso. Joanie não tolera mãos paradas. Se ela te apanha a andar devagar, salta-te para cima das costas e morde-te o rabo. — Estava a sorrir enquanto dizia isto, de uma maneira que fez com que os seus brilhantes olhos azuis cintilassem, aprofundando as covinhas do seu rosto. A combinar, tinha um cabelo louro de boneca, usado em tranças macias.

Vestia calças de ganga e uma camisa vermelha com debrum branco. Uns brincos prateados e turquesa pendiam-lhe das orelhas. Parecia uma leiteira do oeste, pensou Reece.

— Eu gosto de trabalhar.

— Ainda bem, porque vais trabalhar muito, acredita. Como é sábado à noite, vamos estar bem cheios. Temos mais duas pessoas a servir, Bebe e Juanita. Matt levanta as mesas e Pete lava a louça. Tu e a Joanie ficam com a cozinha, e ela vai ficar de olho em ti. Se precisares de uma pausa, dizes-lhe e fazes uma pausa. Há um espaço lá atrás onde podes deixar o casaco e a carteira. Não tens carteira?

— Não, não trouxe.



— Céus, eu não consigo pôr um pé fora de casa sem a minha. Então, anda lá, que eu mostro-te tudo. Ela deixou os impressos que tens de preencher lá atrás. Suponho que já tenhas feito este tipo de trabalho antes, pela maneira como entraste hoje aqui de pés juntos.

— Sim, já fiz.

— Casas de banho. Limpamos à vez. Ainda tens umas semanas antes de te ser dado esse prazer.

— Mal posso esperar.

Linda-gail sorriu.

— Tens família por cá?

— Não, eu venho da costa leste. — Não queria falar sobre isso, não queria pensar nisso. — Quem é que trata das bebidas?

— O pessoal de serviço às mesas. Se ficarmos sem mãos a medir, tu poderás ter de responder aos pedidos de bebidas. Servimos vinho e cerveja. Mas, na maior parte das vezes, quando as pessoas querem beber vão ao Clancy's. E é mais ou menos isto. Mais qualquer coisa que precisas de saber, só tens de gritar. Eu preciso de ir acabar de pôr as mesas, senão a Joanie tem um ataque. Bem-vinda a bordo.

— Obrigada.

Reece dirigiu-se para a cozinha, pegou num avental.

Uma boa saliência, larga e sólida, disse a si mesma. Um bom sítio onde ficar até chegar a altura de partir novamente.

## 2.

Linda-gail tinha razão, estavam mesmo cheios. Residentes, turistas, viajantes, um punhado de pessoas de um parque

de campismo ali perto que queria uma refeição dentro de casa. Ela e Joanie trabalharam com muito pouca conversa enquanto as fritadeiras exalavam vapor e o grelhador vomitava calor.

A certa altura, Joanie enfiou uma tigela por baixo do nariz de Reece.

— Coma.

— Oh, obrigada, mas...

— Tem alguma coisa contra a minha sopa?

— Não.

— Sente-se ao balcão e coma. Agora isto acalmou um bocado e pode fazer uma pausa. Eu ponho na sua conta.

— Está bem, obrigada. — A verdade é que, agora que pensava em comer uma refeição em vez de a preparar, percebia que estava esfomeada. Um bom sinal, decidiu Reece enquanto se sentava ao fundo do balcão.

Ali tinha uma boa perspectiva do estabelecimento e da porta.

Linda-gail pôs-lhe na frente um prato com um pãozinho e dois pedaços de manteiga.

— A Joanie disse que precisas dos hidratos de carbono. Queres um chá para acompanhar?

— Perfeito. Eu posso ir buscar.

— Eu vou. És muito rápida — acrescentou ela quando lhe levou uma chávena. Depois de olhar de relance por cima do ombro, aproximou-se mais e sorriu. — Mais rápida do que a Joanie. E arranja as coisas no prato de uma maneira muito bonita. Alguns dos clientes comentaram.

— Ah. — Ela não estava à procura de comentários nem de atenção. Apenas de um ordenado. — Eu não queria mudar nada.

— Ninguém se está a queixar. — Linda-gail inclinou a

cabeça com um sorriso que exibia as suas covinhas. — Estás um bocado nervosa, não estás?

— Acho que sim. — Reece provou a sopa, satisfeita pelo facto de o caldo ter um subtil picante. — Não admira que isto esteja sempre cheio. Esta sopa é tão boa como qualquer coisa que se coma num restaurante de cinco estrelas.

Linda-gail olhou rapidamente para a cozinha, assegurando-se de que Joanie estava ocupada.

— Alguns de nós fizemos uma aposta. A Bebe acha que estás com problemas com a lei. Anda a ver demasiada televisão, essa. Juanita acha que estás a fugir de um marido que te maltratava. Matthew, como tem dezassete anos, só pensa em sexo. Quanto a mim, penso que alguém te partiu o coração lá no leste. Algum de nós acertou?

— Não, lamento. — Havia uma pequena ponta de ansiedade perante a ideia de os outros andarem a especular, mas ela lembrou a si mesma que os restaurantes estavam cheios de pequenos dramas e muitos mexericos. — Estou só sem uma ocupação definida, só a viajar.

— Aí anda alguma coisa — disse Linda-gail, abanando a cabeça. — Para mim, tens coração partido escrito na tua cara. E, por falar em quebra corações, ali vem o Longo, Escuro e Belo.

Era longo, pensou Reece quando seguiu a direcção do olhar de Linda-gail. Talvez um metro e oitenta e oito. Com o escuro também concordava, com aquele desgrenhado cabelo cor de azeviche e pele cor de azeitona. Com o belo é que não estava de acordo.

Era uma palavra que, na sua mente, significava «suave e com classe», e aquele homem não era nenhuma dessas coisas. Em vez disso, havia nele um ar duro e tempestuoso, com uma barba por fazer sobre feições rudes. E havia algo ainda mais duro, para ela, na linha forte da sua boca e na forma

como os seus olhos se deslocaram em volta da sala. Não havia nada de suave no casaco de pele coçado, nas calças de ganga deslavadas e nas botas gastas.

Não era do tipo *cowboy*, decidiu ela, mas o do homem que consegue dominar os elementos. Parecia forte, e talvez apenas um pouco mau.

— Chama-se Brody — disse Linda-gail a meia-voz. — É escritor.

— Sim? — Ela relaxou um pouco. Alguma coisa na sua postura, na sua absoluta consciência da sala, tinha-lhe dito que era polícia. Escritor era melhor. Mais fácil. — De que tipo?

— Ele escreve artigos para revistas e coisas do género, e já tem três livros publicados. Romances policiais. O que é apropriado. O homem em si é um mistério.

Ela puxou o cabelo para trás, mudou de ângulo para poder observar pelo canto do olho enquanto Brody se dirigia a passos largos para um reservado vazio.

— Diz-se que ele trabalhava para um grande jornal em Chicago e que foi despedido. Tem uma cabana alugada do outro lado do lago, é muito reservado, na maior parte do tempo. Mas vem aqui jantar três vezes por semana. Dá gorjetas de vinte por cento.

Voltou-se para Reece quando Brody se sentou.

— Como é que eu estou?

— Espantosa.

— Um dia destes, hei-de descobrir uma maneira de o fazer andar atrás de mim, só para satisfazer a minha curiosidade. Mas, por agora, contento-me com os vinte por cento.

Linda-gail dirigiu-se para o reservado, puxando o bloco do bolso. De onde estava, Reece conseguiu ouvir o seu alegre cumprimento.

— Como está, Brody? O que é que lhe apetece esta noite?

Enquanto comia, Reece observou a empregada a namoriscar e o homem de nome Brody a fazer o pedido sem precisar de consultar o menu. Quando deu meia volta, Linda-gail lançou a Reece um olhar exageradamente sonhador. No momento em que os lábios de Reece se curvaram em resposta, Brody ergueu o olhar e prendeu-o no seu rosto.

O olhar directo fez o seu estômago dar um pulo. Mesmo depois de desviar rapidamente o olhar, ela sentiu o dele sobre si, rudemente, deliberadamente analítico. Pela primeira vez desde que iniciara o seu turno, sentiu-se exposta e vulnerável.

Desceu do banco e empilhou os seus pratos. Lutando contra o impulso de olhar por cima do ombro, levou-os de volta para a cozinha.

Ele encomendou as costeletas de alce e passou o tempo de espera com uma garrafa de *Coors* e um livro. Alguém tinha pago para ouvir Emmylou Harris na *jukebox*, e Brody deixou que a música se instalasse ao fundo da sua mente.

Estava curioso a respeito da morena e daquele ar no seu rosto. Richard Adams cunhara a palavra *tharn*<sup>2</sup> em *Watership Down*. Boa palavra, pensou, e uma que se adequava à nova cozinheira, com a sua súbita, congelada quietude.

Pelo que conhecia de Joanie Parks, a morena não teria aquele emprego se não fosse competente. Suspeitava que Joanie tinha um coração mole por baixo daquela concha, mas a concha era dura e espinhosa, e não tolerava patetas.

Claro que ele só tinha de perguntar à lourinha e ficaria com a história completa da recém-chegada. Mas, nessa altura,

---

<sup>2</sup>Em *Watership Down*, que descreve o universo do ponto de vista dos coelhos, Richard Adams usa a palavra *tharn* para descrever o estado de estupefacção, um medo paralisante que atinge os coelhos em situações limite. (N. da T.)

toda a gente saberia que ele tinha perguntado, e depois começariam a perguntar a sua opinião, a perguntar o que sabia. Ele conhecia o funcionamento de terras como Angel's Fist e o combustível de conversas de que se alimentavam.

Levaria mais algum tempo a descobrir acerca da mulher sem perguntar, mas haveria murmúrios e comentários, rumores e especulação. Ele tinha um bom ouvido para esse tipo de coisa, quando estava nessa disposição.

Ela tinha um aspecto frágil, quase quebradiço. Ele perguntou-se porquê.

Ainda assim, do seu ponto de observação, podia ver que não se enganara no que dizia respeito à competência. Ela trabalhava com confiança, com aquele jeito profissional dos cozinheiros que faz parecer que têm mais um par de mãos escondido em qualquer lado.

Podia ter sido o seu primeiro dia de trabalho ali, mas ele apostava que não era o seu primeiro dia na cozinha de um restaurante. Uma vez que — pelo menos até àquele momento — ela lhe parecia mais interessante do que o seu livro, continuou a observá-la a trabalhar enquanto bebia a sua cerveja.

Não estava ligada a ninguém na cidade, decidiu. Ele já ali vivia há quase um ano e se alguém tivesse uma filha, irmã, sobrinha, prima em terceiro grau para chegar, ele já o teria ouvido. Ela não lhe parecia uma pessoa à deriva. Parecia-lhe mais uma fugitiva, pensou. Fora isso que ele vira nos seus olhos, a cautela, a prontidão para dar um salto e fugir num segundo.

E quando ela se moveu para colocar um prato terminado no balcão, aqueles olhos desviaram-se como uma flecha na sua direcção — apenas isso, um rápido desvio, e depois afastaram-se novamente. Antes de se voltar para o grelhador novamente, a porta abriu-se e o seu olhar voou para lá. O

sorriso espalhou-se no seu rosto tão rápida, tão inesperadamente, que Brody chegou a pestanejar. Tudo nela mudara, aligeirara, suavizara, a ponto de ele perceber que havia ali mais — ou pelo menos o potencial para mais — do que uma beleza frágil escondida algures.

Quando olhou para a porta para ver o que causara aquele enorme sorriso, viu Mac Drubber a sorrir também e a acenar. Talvez se tivesse enganado quanto àquela ligação local.

Mac enfiou-se no reservado na sua frente.

— Como é que isso vai?

— Não me posso queixar.

— Apeteceu-me comer qualquer coisa que não tivesse de ser eu a fritar. O que é que há de bom, hoje? — Esperou um segundo, agitou as sobrancelhas. — Para além da nova cozinha?

— Eu pedi as costeletas. Não costumo encontrar-te por aqui aos sábados à noite, Mac. Tu és uma criatura de hábitos, e tens o hábito de vir à quarta. Esparguete especial.

— Não me apeteceu abrir uma lata e queria ver como é que a rapariga nova se estava a safar. Chegou hoje à cidade com um tubo do radiador rebentado.

Só era preciso esperar cinco minutos, pensou Brody, e a informação caía-nos no colo.

— A sério?

— Quando dou por mim, já ela tinha arranjado este emprego. Pela cara dela, dava ideia que tinha ganho a lotaria. Vem da costa leste. Boston. Arranjou um quarto no hotel. Chama-se Reece Gilmore.

Interrompeu-se quando Linda-gail levou o prato de Brody para a mesa.

— Olá, senhor Drubber, como está? O que é que vai ser hoje?

Mac inclinou-se para olhar mais de perto o prato de Brody.

— Isto está com um aspecto mesmo bom.

— A nova cozinheira é ótima. Depois diga-me se gosta dessas costeletas, Brody. Precisa de mais alguma coisa?

— Pode ser outra cerveja.

— É para já. Senhor Drubber?

— Eu quero uma *Cola*, querida, e o mesmo que o meu amigo aqui vai comer. Aquelas costeletas estão com muito bom aspecto.

Estavam mesmo, pensou Brody, e tinham sido apresentadas com uma generosa porção de batata gratinada e feijão manteiga. A comida estava artisticamente arranjada no vulgar prato branco, muito diferente dos montes de comida despejados ao acaso que Joanie normalmente servia.

— Vi-te sair no barco, no outro dia — comentou Mac. — Apanhaste alguma coisa?

— Não ia à pesca. — Ele cortou uma das costeletas, provou.

— Essa é uma das coisas engraçadas em ti, Brody. Vais para o lago de vez em quando, mas não pescas. Vais para a floresta de vez em quando, mas não caças.

— Se eu apanhasse alguma coisa ou matasse alguma coisa, teria de cozinhá-la.

— Precisamente. E então?

— Está bom. — Brody cortou mais um pedaço. — Está mesmo muito bom.

Uma vez que Mac Drubber era uma das poucas pessoas com quem Brody passaria voluntariamente um serão, demorou-se com o seu café enquanto Mac terminava a sua própria refeição.

— O feijão tem um sabor diferente. Mais sofisticado.



Tenho de dizer que sabe melhor, também, mas, se repetires isto onde a Joanie possa ouvir, eu digo que és um mentiroso descarado.

— Se ela vai ficar no hotel, não deve estar a planear ficar muito tempo.

— Marcou uma semana. — Mac gostava de saber o que se passava, e com quem se passava, na cidade. Ele não era só o gerente do armazém. Era também o *mayor*. Mexericar, gostava ele de pensar, fazia parte dos seus deveres. — A verdade, Brody, é que não me parece que a rapariga tenha muito dinheiro. — Acenou com o garfo para Brody antes de o espetar nos últimos feijões. — Pagou o tubo do radiador em dinheiro, e o hotel também, ouvi dizer.

Nada de cartões de crédito, pensou Brody, e perguntou-se se a mulher misteriosa estaria a fugir de alguma coisa.

— Talvez não queira deixar vestígios para alguém, ou alguma coisa, que a ande a seguir.

— Que desconfiado. — Mac raspou o último pedaço de alce do osso. — E, se for esse caso, deve ter razão para isso. Tem uma cara honesta.

— E tu tens uma inclinação para o romantismo. Por falar em romance. — Brody inclinou a cabeça para a porta.

O homem que vinha a entrar usava *Levi's* e uma camisa de cambraia por baixo de uma *parka*. Realçava a indumentária com botas pele de cobra, um cinto *Sam Brown*<sup>3</sup> e um *Stetson* cinzento-pedra de uma forma que gritava *cowboy*.

O cabelo cor de areia com madeixas douradas enrolava-se por baixo do chapéu. Tinha um rosto suave e de feições regulares, embelezado por um queixo com uma covinha superficial e olhos azuis-claros que, como toda a gente

---

<sup>3</sup> Cinto com uma segunda tira que passa por cima do ombro. (N. da E.)

sabia, ele usava o mais frequentemente possível para seduzir as senhoras.

Ele pavoneou-se — não haveria outra forma de descrever o deliberado andar gingado — até ao balcão e empoleirou-se num banco.

— O Lo veio ver se a rapariga nova vale a pena o seu tempo. — Mac abanou a cabeça, espetou com o garfo a última porção das suas batatas. — Não se pode deixar de gostar do Lo. É um tipo afável, mas espero que ela seja mais sensata.

Parte do entretenimento que Brody conhecera em Fist e arredores no ano que lá passara era observar Lo a fazer cair mulheres como pinos de *bowling*.

— Dez dólares em como ele a convence e acrescenta mais um tracinho no poste da cama antes do final da semana.

As sobranceiras de Mac carregaram-se de desaprovação.

— Isso não é maneira de falar de uma boa rapariga como aquela.

— Não a conheces há tempo suficiente para saber se é uma boa rapariga.

— Pois eu digo que é. Por isso vou aceitar essa aposta e tu vais ter de pagar.

Brody deu uma meia gargalhada. Mac não bebia, não fumava e, se andava atrás de mulheres, não o fazia em sítio onde pudesse ser notado. E Brody achava que esse lado ligeiramente puritano fazia parte do seu charme.

— É apenas sexo, Mac. — Depois o seu sorriso cresceu ao ver as pontas das orelhas de Mac ficarem vermelhas. — Lembras-te do sexo, não lembras?

— Tenho uma vaga memória do processo.

Na cozinha, Joanie colocou uma fatia de tarte de maçã em cima da bancada de trabalho.

— Faça uma pausa — ordenou a Reece. — Coma a tarte.

— Eu não tenho muita fome, e preciso de...

— Não perguntei se tinha fome, pois não? Coma a tarte. Oferta da casa. É a última do prato e amanhã já não vai servir, de qualquer maneira. Está a ver aquele que acabou de se sentar ao balcão?

— Aquele que parece ter acabado de sair de cima de um cavalo?

— O nome dele é William Butler. Mais conhecido por Lo. É o diminutivo de Lothario, nome que recebeu quando era adolescente e tornou seu objectivo na vida levar para a cama todas as mulheres num raio de cento e cinquenta quilómetros.

— *Okay.*

— Agora, na maior parte dos sábados à noite, o Lo teria um encontro escaldante ou estaria no Clancy's com os amigos a tentar decidir qual das novilhas daquela manada iria escolher. Ele veio aqui para a ver.

Pensando que não tinha outra hipótese, Reece começou a comer a tarte.

— Não me parece que haja muito para ver, nesta altura.

— Seja como for, é nova aqui, é fêmea, é jovem e, pelo menos segundo parece, descomprometida. Diga-se em seu abono que Lo não anda atrás de mulheres casadas. Como pode ver, agora está a meter-se com a Juanita, com quem andou durante umas semanas no último Inverno, até mudar as vistas para umas coelhinhas brancas que apareceram aqui para esquiar.

Joanie agarrou na enorme chávena de café que tinha sempre à mão.

— O rapaz tem lábia para dar e vender. Nunca conheci nenhuma mulher com quem ele tenha rebolado que o leve a mal quando ele abotoa as calças e se vai embora.

— E está a dizer-me isso porque assume que ele estará a rebolar comigo uma noite destas?

— Só lhe estou a dizer como ele é.

— Percebi. E não se preocupe. Não ando à procura de homem nenhum. Temporário ou permanente. E muito menos de um que usa o pénis como varinha de condão.

Joanie soltou uma forte gargalhada.

— Como está a tarte?

— Boa. Mesmo muito boa. Eu nunca lhe perguntei pelos bolos. São feitos aqui ou compra a uma pastelaria local?

— Sou eu que os faço.

— A sério?

— Agora está a pensar que sou melhor nisso do que no grelhador. E tem razão. E a Reece?

— Não é o meu forte, mas posso dar-lhe uma ajuda, quando precisar.

— Eu aviso-a. — Ela voltou um par de hambúrgueres, depois despejou as batatas fritas e o feijão nos pratos. Joanie estava a atirar os *pickles* e os tomates para os pratos quando Lo entrou preguiçosamente na cozinha.

— William.

— Mãe. — Ele inclinou-se, beijou-lhe o topo da cabeça enquanto o estômago de Reece se apertou.

Mãe, pensou, e fizera uma piada acerca do pénis dele.

— Ouvi dizer que está a fazer melhorias aqui. — Lançou a Reece um sorriso lento e fácil antes de beber um pouco da cerveja que trouxera consigo. — Lo para os amigos.

— Reece. Prazer em conhecer. Eu levo isto, Joanie. — Reece agarrou nos pratos, levou-os para o balcão. E notou com aborrecimento que, pela primeira vez em toda a noite, não havia pedidos a responder.

— Falta pouco para fechar a cozinha — disse-lhe Joanie.

— Pode terminar e sair. Pu-la no primeiro turno de amanhã, por isso tem de estar aqui às seis em ponto.

— Está bem. Claro. — Ela começou a desatar o avental.

— Eu levo-a de carro para o hotel. — Lo pôs de lado a sua meia cerveja. — Para garantir que chega bem.

— Oh, não, não se incomode. — Reece olhou de relance a mãe dele, esperando por alguma ajuda naquele campeonato, mas Joanie já se voltara para desligar as fritadeiras. — Não é longe. Eu fico bem, e gosto de andar a pé, de qualquer maneira.

— Muito bem, eu acompanho-a na caminhada. Tem um casaco?

Recusar, pensou ela, é pouco educado. Não recusar será caminhar sobre fino gelo. Teria de escolher o gelo. Sem uma palavra, ela pegou no seu casaco de ganga.

— Estou aqui às seis.

Balbuciu as suas despedidas e precipitou-se para a porta. Sentia os olhos do escritor — Brody — abrirem buracos nas suas costas. Mas porque é que ele ainda ali estava?

Lo abriu-lhe a porta, depois saiu atrás dela.

— Está fresco, esta noite. Tem a certeza que não vai ficar com muito frio?

— Estou bem. Sabe bem, depois do calor da cozinha.

— Aposto que sim. Não está a deixar que a minha mãe a faça trabalhar demasiado, pois não?

— Eu gosto de trabalhar.

— Aposto que teve muito que fazer, esta noite. Deixe-me pagar-lhe uma bebida, para poder desanuviar um pouco. E poderá contar-me a história da sua vida.

— Obrigada, mas a história não vale o preço de uma bebida, e eu tenho o primeiro turno, amanhã.

— Acho que vai estar um dia bonito. — A voz dele era tão ociosa como o seu andar. — E se a viesse buscar à saída? Eu

faço-lhe uma visita guiada. Não há melhor guia em Angel's Fist, isso garanto-lhe. E posso trazer-lhe referências que documentam que sou um cavalheiro.

Tinha um lindo sorriso, ela tinha de o admitir, e uma expressão nos olhos que era tão sedutora como uma mão a percorrer a pele.

E era o filho da sua patroa.

— É muito simpático da sua parte, mas, uma vez que eu só conheço uma mão cheia de pessoas, e mesmo essas há menos de um dia, poderia forjar essas referências. Vou ter de declinar e usar o dia de amanhã para me instalar melhor.

— Adiamos, então.

Quando ele lhe pegou no braço, ela deu um salto, e Lo baixou a voz para a acalmar como se ela fosse um cavalo nervado.

— Calma, só estou a fazê-la abrandar um pouco. Pela maneira como anda, como se estivesse atrasada para um compromisso, percebe-se logo que é do leste. Espere um minuto, olhe para cima. Uma bela vista, não acha?

Ela ainda tinha o coração a bater demasiado depressa para se sentir descontraída, mas olhou para cima. E ali, acima das recortadas sombras das montanhas, pendia uma alva lua cheia.

As estrelas explodiam em sua volta, como se alguém tivesse carregado uma espingarda com diamantes e disparado. A sua luz adicionava ao branco da neve nos picos um azul misterioso, e mergulhava as fendas e ravinas em profundas e luxuriantes sombras.

Aquilo, pensou ela, era o que perdia quando deixava que os nervos lhe arqueassem as costas, e a obrigassem a olhar para o chão. E, embora pudesse ter desejado viver aquele

momento sozinha, tinha de dar crédito a Lo por tê-la feito parar, tê-la feito olhar.

— É lindo. O guia que eu comprei diz que as montanhas são majestosas, mas eu pensei que não. Quando as vi antes, pensei que não eram majestosas, mas fortes e rudes. Mas é isso que me parecem agora: majestosas.

— Há locais lá em cima que só vendo para acreditar, e eles mudam, mesmo enquanto se está a olhar. Nesta altura do ano, se subir lá acima e se aproximar do rio, vai poder ouvir as rochas estalarem com o degelo de Primavera. Eu trago os cavalos e levo-a lá acima. Nada melhor do que ver os Tetons em cima de um cavalo.

— Não sei montar.

— Eu posso ensiná-la.

Ela começou a andar novamente.

— Guia de paisagens, instrutor de equitação.

— É o que eu faço, basicamente, no Circle K. É um rancho que recebe hóspedes, a uns trinta quilómetros daqui. Posso pedir ao cozinheiro de lá que prepare um bom piquenique, arranjo-lhe uma montada calma. Prometo-lhe um dia tão bom que vai querer escrever para casa para contar.

— Tenho a certeza que sim. — Ela gostaria de ouvir as rochas estalar e ver as moreias glaciares e os prados. E, naquele preciso momento, com aquela lua espectacular, era quase tentador deixá-lo mostrar-lhos. — Vou pensar no assunto. Eu fico aqui.

— Acompanho-a até lá acima.

— Não é preciso. Eu...

— A minha mãe ensinou-me a acompanhar uma senhora mesmo até à porta.

Pegou-lhe no braço de novo, casualmente, e abriu-lhe a

porta do hotel. Ele cheirava, reparou Reece, atraentemente a couro e pinho.

— Boa noite, Tom — cumprimentou o recepcionista de serviço.

— Lo. Minha senhora.

E Reece viu o fantasma de um sorriso trocista nos olhos do recepcionista.

Quando Lo se voltou para o elevador, Reece recuou.

— Eu estou só no terceiro andar. Vou subir a pé.

— Uma dessas malucas por exercício, não? Deve ser por isso que está tão elegante. — Mas mudou de direção suavemente e abriu a porta para as escadas.

— Obrigada por se dar a todo este trabalho. — Ordenou a si mesma que não entrasse em pânico por as escadas lhe parecerem bem mais pequenas, com ele ao seu lado. — Vim mesmo parar a uma cidade acolhedora.

— Wyoming é um estado acolhedor. Podemos não ser muitos, mas somos pessoas amáveis. Ouvi dizer que vem de Boston.

— Sim.

— É a primeira vez que vem para estes lados?

— É sim. — Mais um lanço e depois a porta seria aberta.

— Está a tirar um tempo para conhecer o campo?

— Sim. Sim, é mesmo isso.

— É uma coisa corajosa, fazer isso sozinha.

— Acha?

— Mostra um espírito de aventura.

Ela teria rido, mas ficou demasiado aliviada quando ele lhe abriu a porta e pôde sair rapidamente para o corredor.

— O meu quarto é aqui. — Procurou a chave, olhando automaticamente para verificar se a fita-cola na porta estava no sítio.



Antes de enfiar a chave na porta, ele tirou-lha das mãos, fez pessoalmente a pequena tarefa. Abriu a porta, depois devolveu-lhe a chave.

— Deixou as luzes todas acesas — comentou. — A televisão ligada.

— Oh, pois é. Estava demasiado ansiosa com o trabalho. Obrigada, Lo, por me ter acompanhado.

— Tive muito gosto. Vamos pô-la em cima de um cavalo muito em breve. Vai ver.

Ela conseguiu fazer um sorriso.

— Vou pensar nisso. Obrigada novamente. Boa noite.

Ela passou pela entrada, fechou a porta. Puxou o ferrolho, depois prendeu a corrente de segurança. Dirigindo-se para a ponta da cama, sentou-se onde podia olhar pela janela, para todo aquele espaço aberto, até já não ter de se esforçar por manter a respiração regular.

Mais calma, foi espreitar pelo óculo para verificar se não havia ninguém no corredor, antes de empurrar uma cadeira para a frente da porta. Depois de verificar novamente as fechaduras e a solidez da cómoda que bloqueava a porta para o quarto vizinho, preparou-se para ir para a cama. Marcou o alarme no despertador na mesa-de-cabeceira para as cinco, depois usou o seu próprio despertador de viagem como segurança.

Actualizou o seu diário, depois negociou consigo mesma o número de luzes que poderia deixar ligadas durante a noite. Era a sua primeira noite num sítio novo; tinha direito a deixar a luz da mesinha de cabeceira acesa e a da casa de banho. A da casa de banho nem sequer contava. Essa era apenas por uma questão de segurança e conveniência. Ela podia ter de se levantar a meio da noite para urinar.

Tirou a lanterna da mochila, pousou-a em cima da cama.

Podia haver uma falha na electricidade, causada por um incêndio. Ela não era a única pessoa no hotel, afinal de contas. Alguém podia adormecer a fumar na cama, ou algum miúdo podia estar a brincar com fósforos.

Só Deus sabia.

Todo o edifício podia estar em chamas às três da manhã. Depois ela teria de sair rapidamente. Ter a lanterna por perto era apenas estar preparada.

O pequeno aperto no peito fê-la pensar desejosamente nos comprimidos para dormir que tinha no saco de higiene. Nesses e nos antidepressivos, os ansiolíticos eram apenas por uma questão de segurança, lembrou a si mesma. Havia meses que não tomava um comprimido para dormir, e estava suficientemente cansada nessa noite para dormir sem ajuda. Além disso, se houvesse um incêndio e uma falha de energia, ela estaria tonta e lenta. Acabaria por morrer queimada ou por inalação de fumo.

E essa ideia manteve-a sentada na berma da cama com a cabeça entre as mãos a amaldiçoar-se a si mesma por ter uma imaginação desenfreada e louca.

— Pára com isso, Reece. Pára imediatamente e vai dormir. Tens de te levantar cedo e cumprir as funções básicas como um ser humano normal.

Fez mais uma ronda às fechaduras antes de se meter na cama. Ficou deitada muito quieta, a ouvir o seu coração bater, atenta a ruídos que viessem do quarto ao lado, do corredor, do lado de fora da janela.

Segura, disse a si mesma. Ela estava perfeitamente segura. Não haveria nenhum incêndio. Não ia explodir nenhuma bomba. Ninguém ia entrar no seu quarto para a assassinar enquanto dormia.

O céu não ia cair.

Mas manteve a televisão ligada e usou o antigo melodrama a preto e branco para adormecer.

A dor era tão chocante, tão perversa, que ela nem conseguiu gritar. A escuridão, a bigorna de escuridão desabou sobre o seu peito para a encurralar. Esmagou-lhe os pulmões, e ela não conseguia respirar, não conseguia mover-se. O martelo atacava aquela bigorna, martelando-lhe a cabeça, o peito, batendo, batendo em cima dela. Tentou respirar, mas a dor era excessiva, e o medo era ainda superior à dor.

Eles estavam lá fora, lá fora no escuro. Ela ouvia-os, ouvia o vidro a partir-se, as explosões. E pior, ouvia os gritos.

Pior do que os gritos, ouvia o riso.

Ginny? Ginny?

Não, não, não chores, não faças barulho. É melhor morrer aqui no escuro do que deixá-los encontrá-la. Mas eles vinham aí, eles vinham buscá-la, e ela não conseguia conter os gemidos, não conseguia impedir que os seus dentes tremessem.

A súbita luz ofuscou-a, e os gritos selvagens que irromperam na sua cabeça saíram como rugidos de uma besta.

— Temos uma viva.

E ela bateu e esperneou fracamente contra as mãos que a tentavam agarrar.

Acordou a suar, com aqueles rugidos na sua garganta enquanto procurava a lanterna e a segurava como uma arma.

Estava alguém ali? Alguém à porta? Na janela?

Sentou-se a tremer, cheia de frio, os ouvidos à procura de algum som.

Uma hora depois, quando os alarmes tocaram, ela estava sentada na cama, ainda com a lanterna na mão e todas as luzes do quarto acesas.

### 3.

Depois do ataque de pânico, era difícil enfrentar a cozinha, as pessoas, o simulacro de ser normal. Mas, para além de estar essencialmente falida, ela dera a sua palavra. Seis em ponto.

A sua única alternativa era voltar atrás, desertar, e todos os meses em que conseguira andar para a frente, centímetro a centímetro, seriam deitados fora. Uma chamada, sabia ela, e seria salva.

E estaria feita.

Deu um passo de cada vez. Vestir-se foi uma vitória, deixar o quarto foi outra. Sair para a rua e dirigir os seus passos para o restaurante foi um pequeno triunfo pessoal. O ar estava frio — o Inverno ainda deixava sentir os seus efeitos — por isso o seu hálito saía visivelmente para a luz difusa da madrugada. As montanhas eram silhuetas escuras e atarracadas contra o céu, agora que a gorda lua nocturna se afundara atrás dos picos. E ela via um longo e baixo cobertor de nevoeiro espalhar-se nos seus contrafortes. Dedos de névoa erguiam-se do lago e agitavam-se por entre as árvores despidas, finos como asas de fada.

Na escuridão regelada, tudo parecia tão singular, tão parado, tão perfeitamente equilibrado. O seu coração deu um salto quando alguma coisa saiu de entre aquela névoa. Depois acalmou novamente quando viu que era apenas um animal.

Alce, veado, não tinha a certeza, àquela distância. Mas, fosse o que fosse, parecia deslizar, e a névoa esfarrapava-se à sua volta à medida que o animal se aproximava do lago.

Quando dobrou a cabeça para beber, Reece ouviu os primeiros coros dos pássaros. Uma parte dela queria apenas

sentar-se, mesmo ali no passeio, e ficar sozinha em silêncio a ver o nascer do sol.

Tranquila, começou a caminhar novamente. Teria de enfrentar a cozinha, as pessoas, as perguntas que sempre circulavam em volta da cara nova em qualquer emprego. Não podia dar-se ao luxo de chegar atrasada, de estar nervosa, e Deus sabia que ela não queria atrair mais atenção sobre si mesma do que o estritamente necessário.

Fica calma, ordenou-se. Concentra-te. Para se ajudar a fazer isso mesmo, recitou excertos de poemas na sua cabeça, concentrando-se no ritmo das palavras até perceber que estava a murmurá-las em voz alta, e acanhou-se. Não havia ninguém por ali para a ouvir, lembrou-se, e a distração levou-a até à porta do Angel Food.

As luzes brilhavam alegremente no interior, aliviando alguma da tensão nos seus ombros. Viu movimento lá dentro — Joanie, já na cozinha. Aquela mulher alguma vez dormia?

Tinha de bater à porta, disse Reece a si mesma. Bate, põe um sorriso na cara, acena. Uma vez dado esse passo, uma vez lá dentro, afogaria aquela ansiedade no trabalho.

Mas o seu braço parecia feito de chumbo e recusava-se a fazer qualquer movimento. Os seus dedos estavam demasiado rígidos, demasiado frios para se fecharem. Ficou onde estava, sentindo-se estúpida, inútil, impotente.

— Há algum problema com a porta?

Ela deu um pulo, voltou-se. E ali estava Linda-gail a fechar a porta do seu pequeno carro.

— Não. Não. Eu estava só...

— A dormir em pé? Estás com ar de quem não dormiu muito, esta noite.

— Acho que sim. Acho que não dormi, não.

O ar frio parecia arrefecer ainda mais com cada passo

que Linda-gail dava na sua direcção. Os brilhantes olhos azuis, tão amigáveis no dia anterior, estavam distantes, depreciativos.

— Estou atrasada?

— Só estou surpreendida por teres conseguido aparecer, quando deves ter passado a noite toda em branco.

Reece viu-se enroscada na cama, agarrada à sua lanterna, à escuta. À escuta.

— Como é que tu...

— Lo tem a reputação de ser resistente.

— Lo? Não... Oh! — Surpresa misturada com divertimento sobrepôs-se aos nervos. — Não, nós não... Eu não. Céus, Linda-gail, eu estive com ele uns... quê? Dez minutos? Tenho de conhecer um tipo há pelo menos uma hora antes de testar a sua resistência.

Linda-gail baixou a mão que erguera para a porta, olhou para Reece, de olhos franzidos.

— Não foste para a cama com o Lo?

— Não. — Com aquilo, pelo menos, sabia lidar. — Quebrei alguma tradição secreta da cidade? Vou ser despedida? Presa? Se ser uma vadia faz parte do perfil requerido para o emprego, devia ter sido avisada logo de início e eu devia estar a ganhar mais do que os oito à hora.

— Essa cláusula é voluntária. Desculpa. — Por entre o rubor, as covinhas apareceram. — Peço muita desculpa. Não devia ter assumido e saltado em cima de ti só porque saíram juntos.

— Ele acompanhou-me ao hotel, sugeriu um copo, que eu não quis, depois ofereceu-se para me mostrar a região, que eu posso ver sozinha, e depois talvez um passeio a cavalo. Não sei montar, mas essa parte posso tentar. Ele recebeu um dez no factor «giro», e outro dez em «comportamento e

maneiras». Não tinha percebido que vocês os dois tinham alguma coisa.

— Alguma coisa? Eu e o Lo? — Linda-gail soltou um som de desprezo. — Não temos. Eu sou provavelmente a única mulher com menos de cinquenta anos numa área de cento e cinquenta quilômetros com quem ele nunca dormiu. Para mim, promiscuidade é promiscuidade, quer se seja homem ou mulher.

Encolheu os ombros, depois estudou novamente o rosto de Reece.

— Seja como for, estás mesmo com um ar exausto.

— Não dormi bem, é tudo. Primeira noite num sítio novo, emprego novo. Nervos.

— Podes pô-los de parte — ordenou Linda-gail enquanto abria a porta, e a simpatia voltara aos seus olhos. — Não metemos medo a ninguém, por aqui.

— Já me estava a perguntar se vocês as duas iam ficar ali fora a dar à língua todo o dia. Eu não vos pago para andarem na conversa.

— São seis e cinco, pelo amor de Deus, Joanie. Desconta-me nas horas. Ah, por falar em pagamento, aqui tens a tua parte das gorjetas de ontem à noite, Reece.

— A minha parte? Mas eu não servi à mesa.

Linda-gail enfiou o envelope nas mãos de Reece.

— É política da loja, o cozinheiro recebe dez por cento das gorjetas. Recebemos gorjeta pelo serviço, mas, se a comida for uma porcaria, não ganhamos tanto.

— Obrigada. — Não completamente falida, pensou Reece enquanto enfiava o envelope no bolso.

— Não gastes todo de uma vez.

— Se já acabaram de passar tempo?... — Joanie cruzou os braços sobre o balcão. — Começa a pôr as mesas para

o pequeno-almoço, Linda-gail. Reece, acha que está pronta para pôr esse rabo escanzelado aqui dentro e começar a trabalhar?

— Sim, senhora. Ah, e só para limpar o ambiente, o seu filho é encantador, mas eu dormi sozinha ontem à noite.

— O rapaz deve estar a perder qualidades.

— Não lhe sei dizer. E tenciono continuar a dormir sozinha enquanto estiver em Angel's Fist.

Joanie pôs de lado uma tigela de massa para panquecas.

— Não gosta de sexo?

— Gosto, sim. — Reece dirigiu-se ao lavatório para lavar as mãos. — Só não está na minha lista de coisas a fazer, neste momento.

— Deve ser uma listinha bem triste, essa. Sabe fazer *huevos rancheros*?

— Sei.

— São muito populares aos domingos. Tal como as panquecas. Então vá lá, comece a fritar bacon e salsichas. Os clientes madrugadores devem estar a chegar.

Pouco antes do meio-dia, Joanie enfiou um prato com um pãozinho, ovos mexidos e bacon na mão de Reece.

— Aqui tem, leve isto para a sala das traseiras. Sente-se e coma.

— Há aqui o suficiente para duas pessoas.

— Sim, se forem ambas anoréxicas.

— Eu não sou. — Espetou com o garfo uma porção de ovos, como se os fosse provar.

— Leve lá para trás, para o meu escritório, e sente-se. Tem vinte minutos.

Ela já vira o escritório, e *sala* era um termo muito generoso.

— Ouça, eu tenho um problema com espaços pequenos.



— Medo do escuro e claustrofóbica. É um monte de fobias, a senhora. Então sente-se ao balcão. Tem vinte minutos na mesma.

Fez o que lhe fora ordenado, sentando-se ao fundo do balcão. Um momento depois, Linda-gail pôs uma chávena de chá na sua frente, com um piscar de olho.

— Ei, doutor. — Linda-gail passou o pano pelo balcão e lançou um sorriso de bons-dias ao homem que se sentou no banco ao lado de Reece. — O mesmo do costume?

— O colesterol especial de domingo, Linda-gail. É o meu dia de todos os riscos.

— É para já. Joanie — chamou para a cozinha sem se dar ao trabalho de escrever num papel. — Chegou o doutor. Doutor, esta é a Reece, a nossa nova cozinheira. Reece, este é o doutor Wallace. Ele trata qualquer coisa que te aflija. Mas não deixes que te arraste para um jogo de póquer. É um manhoso do pior.

— Então, então, como é que eu vou conseguir esfolar os recém-chegados se lhes dizes essas coisas? — Virou-se no seu banco, acenou com a cabeça para Reece. — Ouvi dizer que a Joanie tinha arranjado uma pessoa que sabia o que estava a fazer na cozinha. Como é que está a correr?

— Até agora, tudo bem. — Teve de fazer um esforço para se lembrar que ele não estava propriamente a vir na sua direcção com uma bata branca e agulhas na mão. — Gosto do trabalho.

— O melhor pequeno-almoço de domingo no Wyoming é o da Joanie. Lá no hotel, põem um grande *buffet* para os turistas, mas, se quer comer bem, é aqui mesmo. — Recostou-se melhor com o café que Linda-gail acabara de pôr na sua frente. — Vá lá, coma isso enquanto ainda está quente.

Em vez de ficar só a olhar, pensou ele, como se a comida

no prato fosse um quebra-cabeças a resolver. Havia trinta anos que era o médico da cidade, disse-lhe depois. Chegara novo, em resposta a um anúncio que as autoridades da cidade tinham publicado no jornal de Laramie. E foi o que contou a Reece enquanto ela brincava com a comida.

— Andava à procura de aventura — disse ele com uma voz onde havia o ligeiro toque nasalado do oeste rural. — Apaixonei-me pelo lugar e por uma bonita rapariga de olhos castanhos chamada Susan. Criei aqui três filhos. O mais velho também é médico, no primeiro ano de internato, em Cheyenne. A do meio, a nossa Annie, casou com um tipo que tira fotografias para a revista da *National Geographic*. Mudaram-se todos para Washington, D.C. Também lá tenho um neto. O mais novo está na Califórnia, a estudar filosofia. Não sei acerca do que raio vai ele filosofar, mas aí tem. Perdi a minha Susan há dois anos. Cancro da mama.

— Lamento muito.

— Tem sido muito, muito difícil. — Olhou de relance a aliança no dedo. — Ainda a procuro ao meu lado quando acordo de manhã. Suponho que sempre o farei.

— Está pronto, doutor. — Linda-gail pousou um prato na sua frente, e depois ambos se riram quando Reece ficou de boca aberta a olhar para ele. — E vai comer tudo, acredita — disse Linda-gail antes de se ir embora.

Havia uma pilha de panquecas, uma omeleta, uma grossa fatia de presunto, uma generosa porção de batatas fritas caseiras e um trio de salsichas frescas.

— Não vai mesmo comer isso tudo.

— Observe e aprenda, minha menina. Observe e aprenda.

Ele parecia em forma, pensou Reece, na sua camisa aos quadrados e casaco simples. Como alguém que come

refeições saudáveis e faz uma razoável quantidade de exercício. O seu rosto era rosado e magro, com um par de claros olhos cor de avelã por detrás dos óculos de armação de metal.

E, no entanto, empanturrava-se com aquele enorme pequeno-almoço como um camionista de longa distância.

— Tem família na costa leste?

— Sim, a minha avó, em Boston.

— Foi lá que aprendeu a cozinhar?

Ela não conseguia afastar os olhos da forma como a comida estava a desaparecer.

— Sim, foi lá que comecei. Frequentei o New England Culinary Institute em Vermont, depois estive um ano em Paris, no Cordon Bleu.

— Culinary Institute. — O médico agitou as sobrance-lhas. — E Paris. Que chique.

— Desculpe? — Ela compreendera abruptamente que dissera mais sobre os seus antecedentes em cinco minutos do que normalmente dizia a quem quer que fosse em duas semanas. — Mais intenso, na verdade. Tenho de voltar ao trabalho. Tive muito gosto em conhecê-lo.

Recece trabalhou durante todo o turno do almoço e, com o resto da tarde e a noite pela sua frente, decidiu dar um longo passeio a pé. Podia dar a volta ao lago, talvez explorar algumas das florestas e ribeiros. Podia tirar fotografias e enviá-las por email à sua avó e, entre o ar fresco e o exercício, conseguir cansar-se.

Calçou as botas de caminhar, preparou a mochila precisamente como o seu guia recomendava para as caminhadas de menos de quinze quilómetros. De novo na rua, encontrou um local perto do lago onde se sentar e ler as brochuras que obtivera no hotel.

Decidiu que tiraria todos os dias um tempo, se conseguisse, para sair da cidade, meter-se no parque, talvez

aventurar-se apenas um pouco mais para longe. Estava melhor fora de casa, sempre melhor ao ar livre.

Quando tivesse o seu primeiro dia de folga, escolheria um dos percursos mais fáceis e subiria ao encontro do rio. Mas, por agora, o melhor era começar a fazer o que o guia sugeria e estrear as botas de caminhada.

Começou a andar a um ritmo confortável. Essa era, pelo menos, uma das vantagens da sua nova vida. Raramente tinha pressa. Ela podia fazer o que escolhia fazer, no momento que queria, ao seu próprio ritmo. Antes, nunca pudera oferecer-se esta hipótese. Nos últimos oito meses, ela vira e fizera mais do que nos vinte e oito anos anteriores. Talvez fosse um pouco louca, era certamente neurótica, fóbica e ligeiramente paranóica, mas havia espaços dentro de si que conseguira voltar a encher, e pedaços de si que voltara a colocar no seu lugar.

Nunca voltaria a ser o que fora em tempos — a agitada, ambiciosa mulher da cidade. Mas descobrira que gostava do que quer que se estivesse a formar em si. Agora, prestava mais atenção aos pormenores que antes tinham passado por ela como um borrão. O jogo de luz e sombras, o movimento da água, a sensação esponjosa do chão a derreter debaixo dos seus pés.

Ela podia parar onde estava, naquele preciso momento, e observar uma garça-real erguer-se, silenciosa como uma nuvem, das águas do lago. Podia ver as ondulações irradiarem sobre a superfície, cada vez mais largas, até tocarem a ponta dos remos vigorosamente manejados por um rapaz num caiaque vermelho.

Lembrou-se da sua câmara demasiado tarde para apanhar a garça-real, mas conseguiu captar o rapaz e o seu barco encarnado, e a água azul, e o estonteante reflexo das montanhas que abarcavam a sua superfície.

Juntaria pequenas notas a cada foto, pensou enquanto recomeçava a caminhar. Assim, a sua avó sentir-se-ia parte da viagem. Reece sabia que deixara preocupação na sua esteira em Boston, mas a única coisa que podia fazer era enviar uns emails e telefonar de vez em quando para dizer à avó onde e como estava.

Embora nem sempre fosse perfeitamente verdadeira no que dizia respeito ao como.

Algumas casas e cabanas espalhavam-se em redor do lago, e alguém, notou ela, estava a fazer um churrasco de domingo. Era um bom dia para isso — frango grelhado, salada de batata, espetos de vegetais marinados, litros de chá gelado, cerveja fresca.

Um cão chapinhava na água atrás de uma bola azul, enquanto uma menina ficava na margem a rir e a encorajá-lo. Quando ele a recuperou e chapinhou de volta para a berma, abanou-se como um louco, molhando a rapariga com água que reflectia a luz do sol e a disparava como diamantes.

O seu ladrar estava cheio de uma insana alegria quando ela atirou a bola outra vez e ele saltou de novo para a água para repetir o ciclo.

Reece puxou da sua garrafa de água e foi bebendo enquanto se desviava do lago e deambulava na direcção das árvores.

Podia ver um veado, ou até um alce — talvez o mesmo que vira nessa manhã — se ficasse suficientemente quieta. Dispensava o avistamento do urso que as brochuras e guias diziam viver nas florestas da área, mesmo que o guia clamasse que a maior parte dos ursos se iria embora ao sentir um humano por perto.

Quem lhe garantia que o urso não estaria com um péssimo humor nesse dia e decidiria descarregar por cima dela?

Por isso tinha de ser cuidadosa, não iria longe e, embora tivesse a sua bússola, não sairia do trilho.

Estava mais fresco, ali, pensou. O sol não conseguia atingir os montes e bolsas de neve, e a água do pequeno ribeiro que encontrou tinha de empurrar por entre os pedaços de gelo.

Seguiu o ribeiro, ouvindo os estalidos e silvos do gelo que derretia lentamente. Quando encontrou as pegadas e excrementos, ficou excitada. Que espécie de pegadas? Que tipo de cocó, perguntou-se. Querendo saber, começou a desenterrar o guia da sua mochila.

O ruído de alguma coisa a mexer deixou-a congelada, fê-la olhar cuidadosamente em volta. Era impossível saber quem ficara mais surpreendido, Reece ou o alce americano, mas ficaram ambos a olhar um para o outro com mútuo choque durante um esbaforido momento.

Devo estar contra o vento, pensou. Ou seria a favor do vento? Quando estendeu lentamente a mão para a câmara, fez uma nota mental para ir verificar isso novamente. Conseguiu uma fotografia de corpo inteiro, depois cometeu o erro de rir de prazer. O som fez o animal debandar.

— Eu sei como é — murmurou ela ao vê-lo fugir do contacto humano. — O mundo está cheio de coisas assustadoras.

Enfiou de novo a pequena máquina no bolso, percebendo que já não ouvia o cão a ladrar, nem o rugido dos carros que passavam na estrada principal da cidade. Apenas a brisa que corria por entre as árvores como ondas a rebentar baixinho e aquele borbulhar e silvar da corrente.

— Talvez eu devesse viver na floresta. Encontrar uma pequena cabana isolada, plantar umas verduras. Podia ser vegetariana — considerou enquanto dava um salto por cima do estreito ribeiro. — Bem, isso talvez não. Mas

provavelmente podia aprender a pescar. Comprava uma carrinha de caixa aberta para ir à cidade uma vez por mês comprar mantimentos.

Começou a imaginar-se, a pintar a imagem na sua cabeça. Não demasiado longe da água, não demasiado perto das montanhas. Montes e montes de janelas para que fosse quase viver no exterior.

— Eu podia montar o meu próprio negócio. Uma pequena indústria caseira. Cozinhar todo o dia, vender os produtos. Fazer tudo pela Internet, talvez. Nunca sair de casa. E acabar por juntar a agorafobia à minha lista.

Não, viveria na floresta — essa parte estava bem — mas trabalharia na cidade. Até podia ser ali, e continuaria a trabalhar para Joanie.

— Vou dar umas semanas, é o melhor. Ver como correm as coisas. Sair daquele hotel, isso é certo. Não vai funcionar muito mais tempo. Agora, para onde vou, isso é que é o problema. Talvez veja pelo...

Soltou um grito, deu um passo em falso e quase caiu de rabo.

Uma coisa era dar de caras com um alce americano, e outra completamente diferente era encontrar um homem estendido numa rede com um livro aberto em cima do peito.

Ele ouvira-a aproximar-se — seria difícil não ouvir, quando ela estava a fazer um debate verbal consigo mesma. Assumira que a mulher viraria na direcção do lago, mas, em vez disso, ela dirigira-se directamente para a sua rede, de olhos nas pontas das suas botas de caminhada obviamente novas. Por isso baixara o livro para a observar.

Mulher urbana a caminhar ao ar livre, riu-se. Mochila e botas *L.L. Bean, Levi's* — ao menos essas mostravam algum desgaste — garrafa de água.

Seria um telemóvel, aquilo que lhe saía de um bolso? A quem é que ela estava a pensar telefonar?

Ela voltara a apanhar o cabelo, enfiando o rabo-de-cavalo pela abertura traseira do boné preto que usava. O seu rosto era pálido, os olhos enormes, e assustados, e de um profundo e rico castanho hispânico.

— Perdeu-se?

— Não. Sim. Não. — Ela olhou em volta, como se tivesse acabado de cair de outro planeta. — Estava só a dar um passeio, não percebi. Devo ter entrado em propriedade privada.

— Provavelmente. Quer esperar aqui um minuto, enquanto vou buscar a minha espingarda?

— Não, obrigada. Ah. É a sua cabana, suponho.

— Sabe juntar dois mais dois.

— É agradável. — Ela estudou-a por um minuto, a simples estrutura de troncos, o longo alpendre coberto com a sua única cadeira, a sua única mesa. Era uma coisa deliciosa, decidiu ela. Uma única cadeira, uma única mesa.

— Reservado — acrescentou. — Desculpe.

— Não tem de que se desculpar. Eu gosto que seja reservado.

— Eu queria dizer... bem, sabe o que eu queria dizer. — Ela inspirou profundamente, torcendo e retorcendo o boné na sua garrafa de água. Era mais fácil para ela estar com desconhecidos. Fora a piedade, os olhares preocupados daqueles que conhecia que se tinham tornado impossíveis de suportar.

— Está a fazer isso outra vez. A olhar fixamente para mim. Isso é indelicado.

Ele ergueu uma sobrancelha. Ela sempre admirara pessoas que conseguiam fazer aquilo, como se aquela única sobrancelha fosse dotada de um conjunto de músculos



independente. Depois ele estendeu a mão para o chão no ponto exacto onde estava a sua garrafa de cerveja.

— Quem é que decide esse tipo de coisas? O que é indelicado numa determinada cultura?

— A SPI.

Ele só precisou de um momento.

— A Sociedade de Prevenção da Indelicadeza? Julguei que tinham acabado.

— Não, eles continuam o seu bom trabalho em locais secretos.

— O meu bisavô era membro da SPI, mas não falamos muito acerca disso, uma vez que era um perfeito idiota.

— Bem, eles existem em qualquer família ou grupo. Eu deixo-o voltar para a sua leitura.

Ela deu um passo atrás e ele ponderou se devia oferecer-lhe uma cerveja ou não. Uma vez que teria sido um gesto quase sem precedentes, já tinha decidido não o fazer quando um som estridente cortou o ar.

Ela caiu no chão, com os braços a cobrir a cabeça como um soldado numa trincheira.

A sua primeira reacção foi rir. Miúda da cidade. Mas ele viu, quando ela não se moveu nem soltou nenhum som, que era mais do que isso. Retirou os pés da sua rede, depois agachou-se.

— *Raté* — disse ele descontraidamente. — É o camião do Carl Sampson. É sucata sobre rodas.

— *Raté*.

Ele ouviu-a murmurar a palavra repetidamente, a tremer.

— Sim, é isso mesmo. — Pôs-lhe uma mão sobre o braço, para a acalmar, e ela contraiu-se.

— Não. Não me toque. Não me toque. Não. Eu só preciso de um minuto.

— Está bem. — Ele levantou-se para ir buscar a garrafa de água que voara quando ela se atirara ao chão. — Quer isto? A sua água?

— Sim. Obrigada. — Ela agarrou na garrafa, mas os seus dedos trémulos não conseguiam tirar a tampa. Sem uma palavra, Brody tirou-lha, desenroscou a tampa, devolveu-lha.

— Eu estou bem. Sobressaltei-me, foi só isso.

Sobressaltou-se o caraças, pensou ele.

— Pensei que era um tiro.

— Também vai ouvir esse tipo de coisas. Nada durante a temporada. A caça, quero eu dizer, mas as pessoas por aqui fazem tiro ao alvo. É o oeste selvagem, Magrinha.

— Claro. Claro que é. Eu vou habituar-me.

— Se vai andar pelas florestas e pelos montes, é melhor vestir cores vivas. Vermelho, cor-de-laranja.

— Tem razão. Claro, tem razão. Não me vou esquecer da próxima vez.

Alguma cor regressara ao seu rosto, mas, na opinião de Brody, era de puro embaraço. Mesmo quando ela se levantou, a sua respiração continuou irregular. Fez uma pouco convicta tentativa de sacudir as roupas.

— Isto completou o momento recreativo do nosso programa. Tenha um resto de bom dia.

— É o meu plano. — Um tipo mais simpático, pensou ele, provavelmente insistiria que ela se sentasse, ou iria oferecer-se para a acompanhar até à cidade. Só que ele não era um tipo mais simpático.

Ela continuou a andar, depois abrandou para olhar rapidamente por cima do ombro.

— Já agora, o meu nome é Reece.

— Eu sei.

— Oh. Bem. Vemo-nos por aí.

Será difícil evitá-lo, pensou Brody, mesmo quando ela caminhava depressa e com os olhos postos no chão. Mulher arrepiante, com aqueles enormes olhos de corça assustada. Mas era bonita, e provavelmente ascenderia a sensual se tivesse mais cinco quilos em cima dela.

Mas era a parte arrepiante que o fascinava. Ele nunca conseguia resistir a tentar descobrir o que fazia mover as pessoas. E, no caso de Reece Gilmore, ele imaginava que o que quer que se movia no seu interior tinha rastilhos muito curtos.

Reece manteve os olhos no lago — a ondulação, os cisnes, os barcos. Seria uma longa caminhada para o contornar, mas isso dar-lhe-ia tempo para se acalmar novamente e para fazer arrefecer o ardor do embaraço. Este já se estava a transformar numa enxaqueca, mas não fazia mal, estava tudo bem. Se não retrocedesse, tomaria qualquer coisa quando chegasse ao hotel.

Talvez o seu estômago estivesse revirado, mas não era muito mau. Ela não vomitara e pusera um ponto final na sua mortificação.

Porque é que não podia ter estado sozinha no bosque quando o estúpido camião soltara aquele estrondo? Claro que, nesse caso, ainda podia estar naquela altura enrolada no chão, a chorar.

Ao menos Brody mostrara-se bastante prático. Tome a sua água, recomponha-se. Era tão mais fácil lidar com isso do que com as festas e os pronto-pretos.

Como o sol lhe magoava agora os olhos, ela procurou na mochila pelos seus óculos escuros. Ordenou a si mesma que mantivesse a cabeça direita, que caminhasse a um ritmo normal. Até conseguiu sorrir para um casal que passeava ao longo do lago como ela, e ergueu a mão num aceno em resposta

à saudação de um condutor num carro que passava quando, finalmente, chegou à estrada principal.

A rapariga — Reece não conseguiu extrair o seu nome da cabeça a latejar — estava novamente na recepção do hotel. Ela lançou um sorriso a Reece, perguntou-lhe como estava, se tinha gostado da sua caminhada. Reece sabia que tinha respondido, mas todas as palavras lhe pareciam metálicas e falsas.

Ela queria o seu quarto.

Subiu as escadas, encontrou a chave, depois encostou-se contra a porta quando se viu lá dentro.

Depois de verificar as fechaduras — duas vezes — e tomar a sua medicação, enroscou-se na cama, completamente vestida, ainda de botas e óculos escuros.

E, fechando os olhos, cedeu à exaustão de ter de fingir ser normal.

#### 4.

Uma tempestade de Primavera despejou vinte centímetros de uma neve húmida e pesada e transformou o lago num espumoso disco cinzento. Alguns dos habitantes abriam caminho através dela com motas de neve, enquanto os miúdos, enfaixados como cepos disformes dentro dos seus equipamentos de Inverno, se entretinham a construir bonecos de neve em volta da beira do lago.

Lynt, com os seus largos ombros e cara marcada pelo clima, fazia intervalos nos seus deveres de limpa-neve para atestar a sua garrafa térmica com o café de Joanie e queixar-se do vento.